



Estudantes indígenas na Unicamp: emoções em jogo no acesso ao ensino superior

As políticas brasileiras de ações afirmativas para o ensino superior estão entre as mais ambiciosas do mundo e várias pesquisas já foram realizadas sobre o tema. São, no entanto, ainda poucos os trabalhos que retratam o ponto de vista dos estudantes sobre sua vivência no ensino superior. A pesquisa que desenvolvo, financiada pela FAPESP, tem por objetivo acompanhar as vivências de estudantes indígenas que ingressaram na Unicamp em 2019, realizando observações nos espaços universitários que frequentam (aulas, restaurante universitário, biblioteca) e entrevistas recorrentes com um grupo selecionado ao longo de um ano. Ela articula-se com outros estudos sobre o tema já em andamento no grupo de pesquisa Focus (Grupo de Pesquisa sobre Educação, Instituições e Desigualdade) da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. No âmbito desta Iniciação Científica, uma atenção especial tem sido dada às emoções envolvidas na chegada e nos primeiros meses de frequência à universidade. A pesquisa teve início em setembro de 2019, e foi renovada em setembro de 2020.

Além das entrevistas e observações decidimos elaborar um questionário para obter uma visão de conjunto dos ingressantes de 2019. Apresentamos a seguir alguns resultados da análise dos dados do primeiro ano da pesquisa (setembro de 2019 a agosto de 2020)

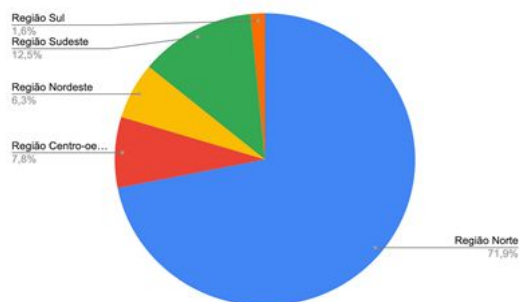
1. Análise do material: questionários

Elaboramos um questionário curto, com intuito de reunir informações sobre: o fato de ter ou não o português como primeira língua, a trajetória de estudos pós-ensino médio antes do ingresso dos estudantes na Unicamp (perguntamos se o estudante havia cursado ensino técnico após o ensino médio ou não, e se já havia iniciado outra faculdade antes de ingressar na Unicamp), e no caso dos rapazes, se houve ou não passagem pelo exército¹. Graças a uma parceria formalmente estabelecida entre membros do grupo de pesquisa e instâncias internas da universidade, tivemos acesso aos dados dos questionários socioeducacional e sociocultural elaborados e aplicados pela COMVEST² no ato da aplicação da prova. No entanto, resolvemos voltar a investigar, pois percebemos inconsistências entre as respostas dadas no questionário COMVEST e as histórias que conhecíamos de alguns estudantes.

O grupo de ingressantes de 2019 era composto de 64 estudantes no início do ano (42 homens e 22 mulheres). Sua idade média ao ingressar foi de 25,7 anos. A distribuição da origem regional dos estudantes é a seguinte:

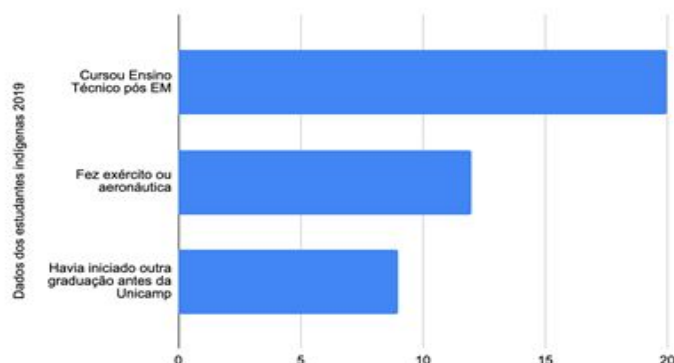
¹ Nos pareceu importante perguntar, pois diversos estudantes nos relataram que este havia sido um espaço importante de sua formação, onde tiveram acesso a cursos de diversas naturezas.

² Comissão Permanente para os Vestibulares da Unicamp.



Fonte: questionários sociocultural, COMVEST

No transcorrer do ano a taxa de evasão foi de 12%, o que é relativamente baixo, considerando as médias internacionais de evasão no ensino superior, que variam entre 30% e 40%³. Dentre os 57 ingressantes, 21 não tinham o português como primeira língua; no que se refere ao percurso antes de ingressar na Unicamp, pouco mais de um terço já havia concluído um curso de ensino técnico (20 estudantes), e nove já haviam iniciado outra graduação (dois deles tendo concluído o curso); aproximadamente $\frac{1}{4}$ dos rapazes passou pelo exército (12 estudantes), onde tiveram acesso a cursos de capacitação na área da saúde, informática ou contabilidade. Ou seja, os estudantes indígenas que chegam à Unicamp, em sua maioria, vivenciaram outras experiências de formação para além do ensino médio.



Fonte: Elaborado pela autora, resultados do questionário desenvolvido para a pesquisa

2. Análise do material: entrevistas e observações

A partir da análise do conjunto de entrevistas e observações realizadas, tendo em vista a problemática da pesquisa, qual seja, entender a maneira como as experiências vivenciadas pelos estudantes e as emoções associadas a essas experiências influenciam as tomadas de decisão que têm efeito sobre a sua trajetória acadêmica, elencamos três temas que nos parecem significativos: as tensões ligadas ao fato de ser "atípico"; o sentimento de dívida ou compromisso com a comunidade de origem e/ou com a família; e a importância das alianças com colegas não-indígenas. Apresentamos bem brevemente cada um dos pontos abaixo.

a) Tensões ligadas ao fato de ser "atípico"

³ OCDE, 2016, p. 192. Ver também Ishitani e DesJardins, 2002 e Michaut e Romainville, 2012.

Diante do que mostra a literatura tanto sobre estudantes de camadas populares, quanto sobre estudantes indígenas que ingressam em universidades públicas (Dal'bó, 2017; Doebber, 2017; Jodas, 2019; Pioto, 2014; Zago, 2006), em cursos regulares (não em licenciaturas interculturais), não nos surpreendeu que boa parte dos estudantes entrevistados mencionem o incômodo ou sofrimento ligado ao fato de se sentir diferente dos outros estudantes. Trata-se de uma diferença desvalorizada pelos colegas, que se revela na dificuldade em compor grupos de trabalhos, essa percepção é recorrente em estudantes de cursos mais seletivos, e aparece também, embora com menos frequência, em estudantes de cursos de menor prestígio social e nos cursos noturnos.

Sentir-se "fora do lugar", sentir-se "menos" que os outros, como diz uma interlocutora, é comum na experiência de trânsfugos de classe (Bourdieu, 2005; Hoggart, 1973), e apesar das universidades públicas brasileiras estarem se abrindo mais, sobretudo a partir da lei de cotas de 2012, a estudantes de camadas populares, estes ainda são minoria. Para quatro dos nossos entrevistados as interações são tingidas de preconceito, que eles veem como um preconceito não somente dirigido a eles, enquanto indígenas, mas também a outros estudantes "pobres". As atitudes que eles consideram preconceituosas dos colegas forjam a construção dos grupos de amizades, dos quais eles se sentem excluídos. Vemos como os aspectos emocionais têm efeito sobre as decisões que compõe suas trajetórias acadêmica. Entendemos aqui esses aspectos emocionais, não como opostos ou dissociados do que seriam aspectos racionais, nem como unicamente subjetivos, mas consideramos, ao contrário, o "trabalho das emoções" (Queré, 2019) como o efeito de um situação concreta, da qual as emoções não podem ser apartadas⁴.

b) Sentimento de dívida ou compromisso com a comunidade de origem e/ou com a família

A revisão de literatura sobre as discussões feitas no interior do movimento indígena sobre o acesso de indígenas à universidade indicou que há um debate no interior deste movimento sobre "interesses individuais" vs. "interesses coletivos". Alguns indigenistas e integrantes de organizações indígenas defendem que o acesso ao ES deve priorizar “a formação de indivíduos comprometidos com a defesa dos interesses coletivos desses povos, e não tanto com a promoção de projetos individuais de ascensão social” (Souza Lima, 2004, p. 23). Gersem Baniwa, por exemplo, professor da UFAM e importante liderança indígena atuante no campo da Educação, sugere que o processo seletivo das universidades deva incorporar algum mecanismo de filtro realizado por lideranças do movimento indígena. Nenhum dos estudantes que entrevistamos se mostrou favorável a essa ideia. No entanto, todos demonstraram preocupação com sua comunidade, seja referindo-se, de maneira mais restrita, aos membros da família, seja falando de seu povo (sua etnia) ou de seus “conterrâneos”.

c) A importância das alianças com não indígenas

⁴ Como lembram Deluermoz et al. (2013), ao retratar a história das emoções enquanto categoria de análise na ciências sociais: "O primado da razão nos modelos teóricos durante muito tempo dominantes nas ciências sociais - como a teoria da mobilização de recursos e do cálculo racional em ciência política - freou as iniciativas [da emergência das emoções enquanto objeto científico]. A análise das emoções permaneceu vinculada à uma psicologia, individual ou coletiva, que percebia a emoção como uma perturbação da alma e do corpo, binariamente oposta à razão" (2013, p. 156, tradução nossa).

Os estudantes com melhor desempenho acadêmico e que, de acordo com sua própria avaliação, tem conseguido "acompanhar" o curso, são aqueles que relataram ter conseguido estabelecer parcerias, mais ou menos duradouras, mais ou menos próximas da amizade, com colegas não indígenas. Aqueles que se encontram em maior dificuldade na sua vida acadêmica, são os que não conseguiram estabelecer essas parcerias, ou conseguiram estabelecer poucas. Como lembra uma interlocutora "...porque quando você se isola, só faz amizade com indígena, quem que vai ajudar?" (estudante da área da saúde, 28 anos). Outros exemplos serão trazidos para a apresentação. Esse apoio de colegas não indígenas apareceu como um fator determinante para sucesso acadêmico dos estudantes.

Considerações finais

Do ponto de vista do enquadramento teórico da análise, a revisão da literatura mostrou que há pouca discussão comparativa entre a situação de estudantes indígenas e de estudantes de camadas populares. As teses, dissertações e artigos que começam a surgir descrevendo a experiência universitária de indígenas (Amaral *et al.* 2016; Doebber, 2017; Goulart, 2014; Jodas, 2019; Paulino, 2008; Ventura dos Santos, 2016) dialogam sobretudo com a etnologia indígena e com o campo da educação indígena diferenciada⁵. Os primeiros resultados da nossa pesquisa indicam, no entanto, que o diálogo com essa literatura é produtivo: a situação dos indígenas tem especificidades que devem ser consideradas, mas há também pontos em comum com aquela de estudantes de classes populares que devem ser explorados.

Em paralelo e de maneira articulada ao estudo dos demais estudantes indígenas da universidade, um eixo que pretendemos desenvolver mais na continuidade da pesquisa, é a análise da minha própria trajetória, enquanto universitária indígena. As leituras realizadas nesta pesquisa mostraram a importância de seguir esse caminho e de ampliar o exercício de reflexividade já iniciado.

Bibliografia citada

AMARAL, Wagner Roberto do, FRAGA, Leticia, & RODRIGUES, Isabel Cristina (orgs.). *Universidade para indígenas. A experiência do Paraná*. Rio de Janeiro: FLACSO/LPP-UERJ, 2016.

BOURDIEU, Pierre. *Esboço de uma auto-análise*. São paulo, Companhia das letras, 2005.

DAL'BO, Talita. *A presença de estudantes indígenas nas universidades: entre ações afirmativas e composições de modos de conhecer*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, 2018.

DELUERMOZ, Quentin; FUREIX, Emmanuel; MAZUREL, Hervé; OUALDI, M'hamed. Écrire l'histoire des émotions: de l'objet à la catégorie d'analyse. *Revue d'histoire du XIXe siècle*, n. 43, 2013, p. 155-189.

DOEBBER, Michele Barcelos. *Indígenas estudantes nas graduações da UFRGS:*

⁵ Discutimos inclusive sobre esse ponto com Rosana Heringer, professora da UFRJ que pesquisa sobre a política de cotas e o ingresso de estudantes de "primeira geração" na universidade, durante uma reunião do grupo de pesquisa para a qual ela foi convidada, em novembro de 2019. Integrando algumas bancas de tese sobre indígenas e universidade, ela compartilhou conosco sua surpresa diante da falta de ponte entre esses estudos com indígenas e com outros estudantes de classes populares, e encorajou-nos prosseguir com essa aproximação.

movimentos de re-existência. Tese de doutorado em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

GOULART, Ana Caroline. Experimentar, contestar e refazer-se: caminhos de sonhos e enfrentamentos percorridos por acadêmicos kaingang e guarani na Universidade Estadual de Londrina-PR. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná, 2014.

HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura*. Aspectos da vida cultura da classe trabalhadora, Rio de Janeiro: Editorial Presença, 1973.

ISHITANI, T. T.; DESJARDINS, S. L. A Longitudinal Investigation of Dropout from College in the United States. *Journal of College Student Retention: Research, Theory & Practice*, n. 4, vol. 2, p. 173–201, 2002. Disponível em <https://doi.org/10.2190/V4EN-NW42-742Q-2NTL>. Acessado em 07/07/2020.

JODAS, Juliana. A luta também é com a caneta: uso e sentido das universidades para estudantes indígenas. Tese de doutorado em Antropologia, Unicamp, 2019.

MICHAUT, Christophe; ROMAINVILLE, Marc. *Réussite, échec et abandon dans l'enseignement supérieur*. Louvain-la-Neuve (Bélgica): Deboeck, 2012.

OCDE, Education at a Glance 2016: OECD Indicators, Paris: OECD Publishing, 2016. Disponível em : <http://dx.doi.org/10.187/eag-2016-en>, consultado em 10/06/2020.

PAULINO, Marcos. Povos indígenas e ações afirmativas: o caso do Paraná. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

PIOTTO, Débora Cristina (org.). Camadas populares e universidades públicas: trajetórias e experiências escolares. São Carlos: Pedro e João Editores, 2014.

QUÉRÉ, Louis. O trabalho das emoções na experiência pública: marés verdes na Bretanha. *O Público e o Privado*, n 34, p. 17-50, jul/dez 2019.

SOUZA LIMA, Antônio Carlos de; HOFFMANN, Maria Barroso. Introdução. In SOUZA LIMA, Antônio Carlos de; HOFFMANN, Maria Barroso (orgs). *Desafios para uma educação superior para os povos indígenas no Brasil*: Políticas públicas de ação afirmativa e direitos culturais diferenciados. Rio de Janeiro: Trilhas de conhecimentos/ LACED/Museu Nacional/UFRJ, p. 5-32, 2004.

VENTURA DOS SANTOS, Augusto. Políticas Afirmativas no Ensino Superior: estudo etnográfico de experiências indígenas em universidades do Mato Grosso do Sul (Terena e Kaiowá-Guarani). Dissertação de mestrado em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, 2016.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. *Revista Brasileira de Educação*, 11(32), 226-370, 2006.